



RELICI  
**LÉGUAS A NOS SEPARAR (2019)**

**MEMÓRIA, ESQUECIMENTO E SAUDADE EM TORNO DE CIDADES  
PARAENSES E PORTUGUESAS<sup>1</sup>**

*LÉGUAS A NOS SEPARAR (2019)*  
*MEMORY, FORGETTING AND HEALTH AROUND PARAENSE AND  
PORTUGUESE CITIES*

*Matheus de Sousa Oliveira<sup>2</sup>*

### **RESUMO**

Esta resenha tem como objetivo apresentar de maneira descritivo-reflexiva o curta-metragem intitulado “Léguas a nos separar” do diretor belenense Vitor Souza Lima com ênfase em destacar três elementos centrais que estruturam a sua produção: a memória, o esquecimento e a saudade. O filme tem como ponto de partida captar de maneira contemplativa e comparativa quatorze cidades homônimas do estado do Pará e de Portugal, revelando-nos lado a lado em tela ambas as cidades com suas especificidades geográficas, além de também proporcionar uma experiência sonora imersiva pelos sons dos locais que transcorrem simultaneamente em cena. Composto isto, são lançados monólogos poéticos-ensaísticos que discorrem sobre os três elementos citados acima, todos enquadrados em experiências individuais do cineasta.

**Palavras-chave:** memória, esquecimento, experiência, história.

### **ABSTRACT**

This review aims to present in a descriptive-reflexive way the short film entitled “Léguas a nos separar” by director Vitor Souza Lima, from Belém, emphasizing three central elements that structure his production: memory, forgetfulness and yearning. The starting point of the film is to capture, in a contemplative and comparative way, fourteen homonymous cities in the state of Pará and Portugal, revealing both cities

---

<sup>1</sup> Recebido em 15/08/2022. Aprovado em 18/08/2022.

<sup>2</sup> Universidade Federal do Pará. matheussousa0712@gmail.com



RELICI

106

side by side on screen with their geographical specificities, in addition to providing an immersive sound experience through sounds of the places that occur simultaneously in the scene. Composing this, poetic-essayistic monologues are launched that discuss the three elements mentioned above, all framed in the filmmaker's individual experiences.

**Keywords:** memory, forgetting, experience, history.

Exibido ao público no ano de 2019 através da 5ª Edição do Amazônia DOC (Festival Pan-Amazônico de Cinema), o curta-metragem *Léguas a nos separar*<sup>3</sup> de Vitor Souza Lima<sup>4</sup> é um retrato poético-ensaístico da subjetividade de um eu perante a fragmentos de um passado lembrados por visitas em lugares referentes a cidades homônimas do estado do Pará e Portugal, respectivamente: Alenquer, Almeirim, Aveiro, Bragança, Chaves, Faro, Melgaço, Óbidos, Portel, Santarém, Soure, Oeiras, Ourém e Viseu.

A natureza geográfico-histórica de interligação de ambas as localidades através do processo de colonização portuguesa em solo paraense em meados do século XVII é apenas o ponto de partida para a abertura experiencial exposta por tomadas nas cidades entrecortadas lado a lado, e nos monólogos poéticos lançados por uma voz off que nos diz características investigativas da heterogeneidade que a

---

<sup>3</sup> **FICHA TÉCNICA:** Título Original: *Léguas a nos separar* | Título Internacional: *A ocean between us* | Classificação: LIVRE | Duração: 00:24:18 | Ano de produção: 2019 | País de produção: Brasil, Pará | Direção: Vitor Souza Lima | Roteiro: Vitor Souza Lima | Fotografia: Vitor Souza Lima | Mixagem e Design de Som: Bernardo Adeodato | Assistente de Direção: Sergio Rodrigues | Edição de Som: Bruno Armelin | Assistência de edição de som: Gabriel Barcelos | Gravação Off: Guilherme Marques.

<sup>4</sup> Natural de Belém do Pará, graduado em Artes Visuais e Tecnologia da Imagem pela Universidade da Amazônia - UNAMA. Desde 2006 desenvolve proposições artísticas por meio da fotografia e do audiovisual. Em 2018 foi um dos contemplados no Prêmio Pesquisa e Experimentação Artística da Fundação Cultural do Pará com o projeto *Léguas a nos separar*. Em 2015 finalizou o documentário curta-metragem *Alfredinho*, em parceria com Marcelo Santos e Venâncio Batalhone, através da Academia Internacional de Cinema - Rio de Janeiro, Prix du Jury Réseau Cinéma CH no XXX Festival Internacional de Filmes de Fribourg. Em 2008 foi contemplado com o Prêmio MIS de Estímulo ao Curta -Metragem, com o documentário *Mãos de Outubro*, vencedor de diversos prêmios em festivais de cinema brasileiros em 2010 e 2011. Desde 2019 assina a direção audiovisual da Orquestra Sinfônica Brasileira; do canal no YouTube *Papo de Música*; do *Musicar* - Festival de Música Infantil.



RELICI

107

memória é expressa através da gama de experiências sociais que atribuem sentidos aos lugares, sendo ela sempre rememorada por um constante presente que a cicatriza de forma incurável, que ora apenas adormece aguardando o ressurgimento por uma nova temporalidade que nunca será capaz de rememorar-la tal como fora concebida pela experiência, levando sempre a um processo de ressignificação pelo dinamismo da relação subjetiva entre passado e presente.

Há um convite para o telespectador experienciar a seu modo a visualidade de planos de cidades que apesar de possuírem marcas estruturais-históricas, só se igualam em relação aos seus nomes, sendo em boa parte divergentes tanto em sua geografia espacial quanto nos habitantes que compõe os seus interiores. Na verdade são ambos espaços que carregam suas especificidades culturais marcadas por pequenas similitudes históricas entre ambas, principalmente pelos processos da relação impositiva de poder no passado – colonizador dominando um espaço a ser colonizado – mas que sofrem todos os tipos possíveis de empecilhos se caso houver uma tentativa de harmonizá-los em uma similitude socioespacial: – *“As pontas das linhas do tempo se encontram, enquanto as superfícies que demarcam a matéria e o espaço se desintegram”*. Os monólogos poéticos objetivamente não estão interessados em expor didaticamente qualquer tipo de informação histórica das cidades, muito menos nos ressaltar uma espécie de didatismo da experiência subjetiva nestes lugares, antes eles agem como um texto ensaístico sobre a complexidade da memória, esta “coisa” que ora machuca ora alegra o sujeito ensaístico através de uma rememoração de situações subjetivas que desconhecemos quando são referidas a determinada pessoa ou evento específico, mas que nos permite levar a uma auto-reflexão sobre como nossas memórias ajudam a formar quem somos, o que seremos no futuro e como os lugares são dotados de sentidos por um passado experienciado que insiste em não ir embora.



RELICI

A experiência sonora que o curta nos proporciona também é muito significativa no processo de imersão do telespectador para as tomadas filmadas. Podemos ouvir lado a lado as sutis e sonoras dos dois locais filmados havendo um privilégio por uma escuta sonolenta da natureza onde espaços menos agitados são privilegiados. Apesar da diversidade natural e espacial captada pelas câmeras em ambas as localidades, como as praias, matas suntuosas, pontes deslumbrantes sob as águas, céus azuis, árvores verdejantes, casarões históricos, canoas sob os rios, grandes relógios em praças públicas, igrejas arquitetônicas, dentre outros, percebo que há um privilégio por um elemento natural específico que ronda constantemente a nossa visualidade sob as diferentes cidades: os rios.

São filmagens dos rios que abrem e fecham o curta e que compõem boa parte da produção, eles se manifestam em suas diferentes formas conforme sua singularidade, indo de rios tranquilos aos vultuosos das cachoeiras, rios das praias aos igarapés, rios que contam sobre si pontes de madeira e de concreto e asfalto, rios que são observados por olhares contemplativos em suas bordas aos rios que pescadores transitam com suas canoas, rios que refletem o verde das árvores que os rodeiam e que expõem as areias ao fundo pela sua transparência, rios que sobre si estão pedras que formam um caminho ou que permitem serem observados pelas grandes pedras em suas bordas capazes de comportarem pessoas, rios que crianças se banham e que aprendem a andar de bicicleta nas areias das praias. Esses rios vistos sob diferentes perspectivas pela câmera que o captura também ganham destaque explícito em um dos versos ditos pelo eu ensaístico: – “A atracação é passageira, o que conta mesmo é quanto o rio leva, e o quanto traz, o tempo é sempre pouco”.

Os rios indicam intenso movimento, e o que importa mesmo são as histórias que transitam sobre si em uma constante ida e volta pelos seus caminhos sendo o momento da chegada aquilo que é efêmero. Quantidade se torna necessária nessas



RELICI

109

travessias, essas quantidades nos instigam a pensar sobre os sentidos que atribuímos ao elemento natural tão presente na vida do sujeito amazônico: nos relacionamos com o rio apenas pensando no efêmero, ou seja, no destino (atracação)? Ou mergulhamos em suas águas experienciando essencialmente sua trajetória? Afinal *o tempo é sempre pouco* para sermos tão objetivos a um destino pré-definido da chegada que já conhecemos, ao ponto de não observarmos *o quanto o rio leva, e o quanto traz*. Os rios nesse sentido podem fazer uma analogia à memória como um elemento que mesmo que faça parte de um passado que não pode ser mudado, ele ao mesmo tempo se torna dinâmico pelo presente que o rememora pelas lembranças, sempre levando e trazendo novas facetas conforme o presente solicitá-lo. Sobre o dinamismo da memória em torno do curta, considero pertinente a citação abaixo de Raphael Samuel:

(...) a memória, longe de ser meramente um receptáculo passivo ou um sistema de armazenagem, um banco de imagens do passado é, isto sim, uma força ativa, que molda; que é dinâmica – o que ela sintomaticamente planeja esquecer é tão importante quanto o que ela lembra – e que ela é dialeticamente relacionada ao pensamento histórico, ao invés de ser apenas uma espécie de seu negativo (SAMUEL, 1997, p. 44).

“*A memória é lânguida*”. É o que diz o eu ensaístico que sempre está lembrando de algo e que se expressa poeticamente para o telespectador. Este sentido é um tanto quanto ambíguo, pois ao mesmo tempo que ela é frágil ela também é forte e pode ser expressa com mais vigor pelos poemas e os lugares que garantem forma a ela: – “*Algumas lembranças se apagam, as dos poemas jamais, os poemas se eternizam nas memórias do lugar*”. O esquecimento como uma face da mesma moeda da memória também é elemento decisivo que a compõe, quando nos é confirmado que: – “*Nestes tempos, mais lembrei do que esqueci*”, uma especificidade começa a ser destacada aqui. Objetivamente, uma lembrança específica está em torno destas memórias, levando objetivamente ao esquecimento de outros acontecimentos com os fins de enquadramento do passado.



RELICI

110

Algumas características específicas de uma memória referente a uma pessoa (que depois revelasse ao que parece ser um casal) nos é exposta ao longo do curta-metragem, todas de formas poeticamente sutis: – *“Fico pensando se o tempo que passou pra ti, foi o mesmo que passou pra mim / Queria que você tivesse aqui / Ainda ouço o arrastar das tuas sandálias quando acordava de manhã cedinho / Ainda sinto aquela textura macia das rugas do rosto, do joelho / E vocês vieram... um de cada lado / Ela dizia que não se casou por amor / Ele partiu primeiro, ela o acompanhou mais tarde”*. Ao que parece, estamos diante de uma lembrança de perda e um misto de melancolia e alegria é atribuído ao ato de rememorar, a dor da perda se envolve com o regozijo de manter viva a memória enraizada na subjetividade vivida nos lugares, a memória sempre sobrevive mesmo após o fim da matéria.

A memória em torno do tempo ganha os seus contornos da imprevisibilidade, seja do que aconteceu ou do que irá acontecer (passado e futuro que não temos controle) – *“O tempo cura tudo, menos as feridas, disse o poeta, o tempo das memórias marcadas, o tempo do que não pediu para acontecer”*. Essas memórias que nos marcam como cicatrizes que iremos carregar ao longo da vida irão concepcionar nossos olhares aos lugares, determinadas pessoas e eventos do passado, além de transformar parte de nosso próprio eu perante o mundo que nos cerca. A cicatriz é causada por uma ferida que dói no momento do acidente, mas que passa ao longo dos dias deixando sua marca de recordação na pele. Assim como a cicatriz, a memória é uma marca que aprendemos a conviver ao decorrer do tempo mesmo tendo a noção de que o tempo não irá curá-la por completo, ela estará em nossa pele para sempre.

Para o telespectador (especialmente paraense) pode ser estranho se deparar com um projeto que regionaliza de maneira muito interessante a produção pelo contraste das cidades homônimas, mas que ganha um contorno tão subjetivo



RELICI

111

pela fala ao ponto de poder nos distanciar de uma experiência que não vivemos e não sabemos do que se trata. Porém, acredito que o diretor belenense não quer necessariamente que saibamos dos fragmentos de sua vida pelas suas recordações, mas sim ele as utiliza como exemplo para nos questionarmos do nosso ato de lembrar e da importância da memória para nossa formação, memória esta que como diz o sociólogo Michael Pollak é: “*seletiva, um fenômeno construído e um elemento constituinte do sentimento de identidade*” (POLLAK, 1992, p. 204). Além disso, nos é chamada a atenção em como os lugares ganham sentidos no decorrer do tempo pela memória que é cravada na pele, cabe a nós um relacionamento mais intenso com os lugares (e as pessoas) que nos rodeiam e que frequentamos, lugares que podem se tornar justamente *lugares de memória* (NORA, 1984).

Vitor Lima, em entrevista ao portal de notícias *Rede Pará* no ano de 2018 acaba nos revelando alguns detalhes importantes da produção. No começo, quando questionado sobre o que o cineasta responde quando é interrogado sobre do que se trata sua produção ele responde:

(...) digo que é um documentário poético sobre 14 cidades homônimas entre o Pará e Portugal, ou seja, 14 pares de cidades-irmãs. Mas isso é apenas um pretexto para falar de outras coisas, um dispositivo para tratar de outras questões da memória, das lembranças, ao que respondo: onde habita a sua saudade?

A memória de maneira ampla aqui é afunilada para um elemento principal que faz parte dela no qual o curta-metragem vai se inserir de maneira mais direta que é a saudade. É aquilo que nos marca pela saudade que deve ser instigado ao assistir seu filme, e no caso do cineasta a perda de sua mãe durante o processo de filmagens da produção entra de maneira muito significativa nos poemas do eu ensaístico por um distanciamento da perda que ainda estava “maduro” na sua memória pessoal, mas que ficará cicatrizada como uma marca na pele que dói no interior. Sobre o processo desta perda, o cineasta na entrevista nos diz:



RELICI

112

Foi difícil me despedir dela a tantas léguas de distância. Corri para a agência de turismo mais próxima e comprei uma passagem para Belém. Não consegui mais pensar em outra coisa. Fui almoçar e pedi uma sobremesa de nata com framboesa, que a minha avó adoraria pedir uma prova, como fazia com todos os doces. E em uma grande coincidência, minha avó nasceu em Bragança, no Pará, e faleceu justamente quando eu estava na cidade homônima portuguesa.

Essa intensidade de experiências durante o processo da produção de seu curta faz com que a obra ganhe um valor simbólico para si, uma relação pessoal que faz com que o filme tenha um significado específico em relação ao seu autor e ao público, expô-lo a este último é revelar de maneira poética uma experiência poderosa de seu passado. Em entrevista cedida no ano de 2021 à cinemateca paraense, site realizado por Ramiro Quaresma<sup>5</sup> e Deyse Marinho<sup>6</sup> que tem como objetivo documentar, catalogar, preservar e difundir filmes, imagens e informações relevantes para preservar a memória do patrimônio audiovisual paraense, o cineasta nos diz que tem *“ainda algumas questões pessoais com o filme, por isso ele não circulou por aí. A única exibição em festival foi no AmazoniaDoc em 2019”*.

Essa gama de subjetividade aberta ao público de forma poética faz com que nós telespectadores atribuamos diversas leituras a sua produção, nos levando a uma gama de possibilidades de assimilação e apropriação (CHARTIER, 2002) de seu curta-metragem, fator este que esta própria resenha conscientemente se identifica fazer parte. Pela questão da memória ser tão fragmentária, subjetiva e complexa, seu curta-metragem pode ser aquilo que seu próprio cineasta nos diz em entrevista à Rede Pará, uma não definição, ou em suas próprias palavras: *Seis anos*

---

<sup>5</sup> Idealizador e curador do site, é Doutorando em Artes/Cinema EBA-PPGArtes – UFMG (2019). Professor do Instituto de Ciências da Arte – UFPA (2014-2019) lecionando nos cursos de Cinema e Audiovisual e Produção Multimídia. Documentarista. Artista visual. Curador independente/pesquisador de artes visuais/artemídia e cinema. Mestre em artes pelo PPGArtes-ICA-UFPA e formado em Comunicação Social – UNAMA.

<sup>6</sup> Coordenadora museológica, é museóloga formada pela FAV/ICA/UFPA e produtora de todas as ações e projetos. Pesquisadora de artes visuais e patrimônio histórico e cultural no estado do Pará.



RELICI

113

*após os primeiros pensamentos embrionários de algo que eu nem sabia direito o que viria a ser, eu estou prestes a completar esse projeto, que até hoje também não tenho certeza do que exatamente é. Mas sei que ele é.*

## REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A história cultural, entre práticas e representações**. DIFEL – Difusão Editorial, S. A, Algés – Portugal. Tradução de Maria Manuela Galhardo, 2ª Edição, 2002.

NORA, Pierre. **ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A problemática dos lugares**. Tradução: Yara Aun Houry. PROJETO HISTÓRIA: HISTÓRIA E CULTURA. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 8 de Agosto. 2022.

POLLAK, Michael. **MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL**. Tradução: Monique Augras. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em 14 de Agosto. 2022.

SAMUEL, Raphael. **Teatros de Memória**. Tradução: Tradução: Maria Therezinha Janine Ribeiro, Vera Helena Prada Maluf. PROJETO HISTÓRIA: HISTÓRIA E CULTURA. São Paulo, v. 14, p. 41-81, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11234>. Acesso em: 14 de Agosto. 2022.

## FONTES

MESQUITA, Dedé. Cineasta paraense documenta relação entre as cidades irmãs do Pará e de Portugal. Rede Pará, Belém – Pará. 06 de Junho de 2018. Disponível em: <https://redepara.com.br/Noticia/168646/cineasta-paraense-documenta-relacao-entre-as-cidades-irmas-do-para-e-de-portugal>. Acesso em: 14 de Agosto. 2022.

Filme do Mês// Janeiro – 2021 “Léguas a nos separar” (2018) de Vitor Souza Lima. Cinemateca Paraense, Belém – Pará. 11 de Janeiro de 2021. Disponível em: <https://cinematecaparaense.wordpress.com/category/documentarios/>. Acesso em: 14 de Agosto. 2022.